

ROBECK, Cecil M. *The Azusa Street Mission and revival. The birth of the global pentecostal movement*. Nashville: Thomas Nelson, 2006. 342 p.

Por Norbert H C Foerster*

O nascimento do pentecostalismo global

Cecil M. Robeck, ministro ordenado das Assembléias de Deus nos EUA, é, também, professor de História da Igreja e Ecumenismo e também diretor do Centro David J. Du Plessis de espiritualidade no Fuller Theological Seminary (Pasadena, Califórnia) onde leciona desde 1974. Deu cursos em várias universidades de Los Angeles e no Japanese American National Museum sobre os locais de origem do pentecostalismo. Co-editor da série em 48 volumes, *The Higher Christian Life*, que oferece fontes primárias para os movimentos *holiness*, pentecostais e Keswick, e, durante nove anos, editor da revista *Pneuma*, da Society for Pentecostal Studies. É autor de uns 200 artigos publicados em revistas nas áreas de história, teologia e ecumenismo e jornais denominacionais. Além do livro aqui resenhado, publicou, em 1992, *Prophecy at Carthage: Perpetua, Tertullian and Cyprian*. Editou ainda, em 1985, *Witness to Pentecost: The Life of Frank Bartleman* e é co-editor de *The Azusa Street Revival and Its Legacy* e *The Suffering Body: Responding to the Persecution of Christians*, ambos de 2006. Há quase duas décadas defendendo o estudo do pentecostalismo em círculos ecumênicos, colaborando com o Conselho Mundial de Igrejas, o Vaticano e a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas e participou com João Paulo II de momentos de oração inter-religiosos em Assis e em Roma. Robeck ofereceu, no ano 2000, um curso sobre “Pentecostalismo global e o desafio ecumênico”, no Instituto Ecumênico Bossey na Suíça, como primeiro pentecostal convidado a lecionar. Suas pesquisas históricas se concentram na missão e no reavivamento de Azusa Street e no seu pastor afro-americano

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (área das Ciências Sociais) da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. e-mail: norbertosvd@gmail.com

William Seymour. Desde 1997, trabalhou no Azusa Street Memorial Committee em colaboração com líderes religiosos e civis nipo-americanos, afro-americanos e as comunidades pentecostais em Los Angeles. Em 1999, ele recebeu um apoio financeiro de peso, no valor de US-\$ 90.000,00, da John Randolph Haynes and Dora Haynes Foundation para pesquisar o assunto e seu impacto sobre Los Angeles. Suas últimas pesquisas tematizaram o Espírito Santo, a igreja e possíveis contribuições do movimento pentecostal para o cristianismo global. Cecil M. Robeck é ministro ordenado das Assembléias de Deus nos EUA.

Entre os dias 25 e 29 de abril de 2006, não sem um certo ufanismo, celebrou-se em Los Angeles o centenário do reavivamento de *Azusa Street*. Por ocasião dessa data, estava e ainda está sendo editado um número elevado de livros sobre o fenômeno. A própria Complete Azusa Street Library já conta com sete volumes publicados e anuncia vários outros; biografias de William Seymour e livros sobre os tempos em que o fogo caiu sobre Azusa Street se multiplicam.

No meio desta alavanca publicitária do momento, o livro de um historiador, que investiu 30 anos de pesquisa na história de Azusa Street é salutar. *The Azusa Street Mission and Revival* não quer ser um livro científico no sentido estrito do termo (“Toda proposta de contar esta história é dar glória a Deus ... o Deus que primeiro acendeu o fogo dentro de mim”, por exemplo); o próprio autor o chama de “uma versão popular da história. ... é um tratado limitado da história que é bem mais ampla”. Robeck possui um manuscrito acadêmico quase completo, de 1.600 páginas, que ele dividirá em três volumes. As notas de rodapé, quase ausentes no livro, serão reservados para a publicação nesses volumes que ocorrerá, acredita o autor, nos próximos 18 meses.²

As 342 páginas do livro estão divididas em sete capítulos, além dos agradecimentos, a introdução que elabora o significado de Azusa Street, uma palavra final a respeito da tentativa de resumir “três anos cheios de poder”, notas e um índice. O autor acompanha a história de Azusa Street desde William J. Seymour e os inícios do pentecostalismo (cap. 1), o momento da chegada do reavivamento em Los Angeles (cap. 2), a liderança do reavivamento de Azusa (cap.3) e o culto na missão de Azusa Street (cap. 4), passando pela evangelização de um continente, espalhando o reavivamento (cap. 5) e a evangelização do mundo: o programa missionário de Azusa (cap. 6), até chegar aos momentos em que o fogo começou a esfriar (cap. 7).

¹ Informações dadas pelo próprio autor em uma comunicação pessoal, via e-mail, do dia 3/2/2007

Já os agradecimentos indicam um eixo que ordenará a historiografia do autor, quando conta que lhe foi pedido narrar a história de Azusa Street em formato popular para encher os jovens da Church of God in Christ com “um sentimento de orgulho”. Sabe-se que as Assembléias de Deus surgiram nos Estados Unidos como uma afiliação e logo dissidência de um grupo de ministros brancos da Church of God in Christ, maior grupo pentecostal afro-americano e liderada majoritariamente por negros, como o bispo Charles Harrison Mason. E de fato, Cecil Robeck não se cansará, no seu livro, de descrever a *Apostolic Faith Mission* como movimento de inclusão étnica e de gênero.

Na introdução, o autor destaca quatro motivos por que a história de Azusa Street merece ser recontada: o movimento cresceu em uma velocidade vertiginosa. Sendo agressivamente evangelístico, um pequeno grupo de oração de não mais que 15 participantes, incluindo crianças, tornou-se, dentro de três meses, uma congregação internacionalmente aclamada por centenas de membros. Além disso, *Azusa Street* teve um forte efeito em outras congregações. O autor considera que “a visão de Pastor Seymour, de experiência compartilhada e cooperação comunal entre vários grupos cristãos precisa ser redescoberto” e cita Seymour: “Nós não combatemos pessoas ou Igrejas, mas procuramos substituir formas e credos mortos e fanatismo selvagem por um cristianismo vivo e prático” (p. 8s). Em terceiro lugar, Azusa Street continua como ícone principal do poder do movimento pentecostal global, e ele, finalmente, continua servindo como exemplo de alcançar os marginalizados – pobres, mulheres e pessoas de cor – com sua visão de inclusão racial e étnica.

Como fontes serviram as reportagens da testemunha ocular principal, Frank Bartleman, publicado pela primeira vez, em 1925, com o título *How Pentecost came to Los Angeles* (Como Pentecostes chegou a Los Angeles), além de centenas de outros estudos. Vozes contemporâneas de Azusa Street, tanto favoráveis quanto desfavoráveis, muitas delas publicadas no jornal da missão The Apostolic Faith e na imprensa local secular, constituem outra fonte, além de certificados de propriedade, censos, documentos da prefeitura, fotografias, charges, mapas, diários e entrevistas com pessoas que estavam lá. Robeck propõe-se também colocar o reavivamento nos seus contextos social, cultural, racial e religioso maior.

No primeiro capítulo, o autor começa a história de *Azusa Street* contando sobre a vida de seu pastor, William Joseph Seymour, que, afro-americano e filho de ex-escravos, foi criado no sul dos EUA, no período da Reconstrução que seguiu imediatamente a Guerra Civil no país (1861-1865).

William Seymour nasceu como filho de Simon e Phillis Seymour, no dia 2 de maio de 1870, em Centerville, Louisiana, região de colonos majorita-

riamente franceses que trouxeram seus escravos. Simon nasceu por volta de 1837, e Phillis, em 1844, ambos filhos de escravos. A região não foi atingida pela declaração do fim da escravidão pelo presidente Lincoln em 1863. Oficialmente católicos, a maioria dos escravos afro-americanos praticava naquele tempo uma variante sincrética do *Voodoo* chamada *Hoodoo*.

Eles acreditaram no Espírito Santo, no sobrenatural, incluindo o empoderamento de indivíduos, sinais, milagres e curas, espíritos invisíveis, transe e possessão no espírito, visões e sonhos como meios de comunicação divina, como também nos fenômenos descritos na Bíblia. Eles cantavam, batiam palmas, tremiam, gritavam, dançavam, tocaram tambores e desenvolveram um estilo de pregação “chamado e resposta”. William J. Seymour estava sem dúvida ciente destas coisas já como criança, porque elas formavam uma parte importante da cultura escrava afro-americana, e em muitos lugares da Louisiana sulina continuam existindo até hoje (p. 23)

Quando Simon e Phillis, casaram em 1867, ambos não sabiam escrever. Logo tiveram a primeira filha, Rosalie. Em 1870, nasceu William, e, depois, mais seis filhos, todos batizados na Igreja Católica. Em 1883, os pais conseguiram comprar um pequeno lote de terra em uma vila próxima, na qual batistas e metodistas estavam presentes. Quando o pai de William morre, em 1891, ele é enterrado no cemitério da Igreja Batista. A família passa por muitas dificuldades, e, quatro anos depois, William Seymour, o filho mais velho, sai em direção ao Estado de Indiana à procura de melhores oportunidades econômicas. Nesses anos de Indianápolis, William Seymour afirma ter vivido a experiência de conversão. Inicialmente, trabalhando como porteiro em um prédio, ele participa de uma Igreja Metodista Episcopal de negros na qual conhece os ensinamentos de John Wesley, mas logo a abandona, porque ela não era pré-milenarista e não dava valor a revelações particulares ou especiais. Uma pregadora afro-americana, amiga de Seymour e uma das primeiras participantes de Azusa Street, afirma que ele se converteu e foi santificado entre os Evening Light Saints, conhecidos como a Church of God de Anderson, Indiana, fundada por David Warner e, na época, um dos poucos grupos de inclusão étnica e de gênero. Seymour irá levar essas características, assim como a política de não-sectarismo, as três práticas do batismo por imersão, da última Ceia e da lavagem dos pés, o credo e o nível elevado da santificação para Azusa Street. A tradição oral na tradição apostólica afro-americana sugere que Seymour teve, nos anos que viveu em Cincinnati, Ohio, contato com um pregador *holiness* de nome Martin Wells Knapp, que mantinha uma escola bíblica descrita como “pentecostal”, que naquele tempo, não indicava ainda o falar em línguas. Essa escola bíblica,

além de ser etnicamente inclusiva, propagava o pré-milenarismo e valorizava revelações particulares. Durante esses anos Seymour contraiu varíola e perdeu um olho, fato que ele interpretou posteriormente como castigo de Deus por sua demora de responder ao Seu chamado.

Assim, Seymour deixa a cidade e mora, entre 1903 e 1905, em Houston, Texas, no qual participa de uma pequena congregação *holiness* liderada por uma viúva afro-americana, Lucy Farrow. No inverno de 1904-1905, ele viaja para Jackson, Mississippi, em atendimento a uma “revelação especial” para receber orientações por um pastor negro bem-conhecido, que pode ter sido tanto Charles Price Jones quanto Charles H. Mason, ambos posteriormente amigos próximos. Quando volta a Houston, os jornais da cidade anunciam a vinda de Charles Fox Parham. Influenciado pela tradição metodista, mas pré-milenarista, adepto da teoria etnocêntrica zionista anglo-israelita, conforme a qual os protestantes anglo-saxões americanos seriam os herdeiros das dez tribos israelitas desaparecidas durante o exílio na Babilônia, defensor da cura divina e convicto de sua missão de evangelizar o mundo, Parham, à procura do poder da fé dos tempos apostólicos, fundou uma escola bíblica em Topeka, na qual, em 31 de dezembro de 1900, a jovem Agnes Ozman foi a primeira a ser batizada no Espírito Santo e a falar em línguas. Logo depois, Parham começou a publicar o jornal *The Apostolic Faith*. Seymour frequenta a escola bíblica de Parham. Por causa das leis segregacionistas de Jim Crow, ele tem de assistir às aulas do lado de fora da classe e é informado que não poderá ministrar a palavra a brancos, mas é encorajado a divulgar a fé apostólica na comunidade afro-americana de Texas. Quando Seymour recebe um convite para ser pastor em uma missão *holiness* em Los Angeles, Califórnia, Parham se mostra reticente, mas acaba impondo as mãos sobre ele e orando por ele.

Quando Seymour chega a Los Angeles, em 1906, a cidade tem 238 mil habitantes, vive uma onda de imigração e cresce a 3 mil habitantes por mês – muitos deles morando em condições de absoluta precariedade. Brancos formam a maioria, e os afro-americanos a maior minoria étnica; nos anos recentes, milhares de russos e armênios chegaram ao lado de um grande grupo de europeus escandinavos e alemães. O número de igrejas cresce de 180, em 1905, para 254, em 1907, com um número muito maior de protestantes que católicos. Metodistas, igrejas *holiness* wesleyanas e expectativas de um reavivamento, como a *First New Testament Church* de Joseph Smale, dominam a cena.

Ao ouvir a pregação de Seymour que os salvos e santificados poderiam ter uma outra manifestação do Espírito Santo, evidenciada pelo falar em línguas, a congregação *holiness*, que o tinha convidado, fecha as portas para

ele. Uma família o acolhe, e logo as pessoas que vêm aos encontros de oração não cabem mais na casa; no início de março, o grupo de afro-americanos muda para uma casa na North Bonnie Brae Street. Os primeiros recebem o batismo no Espírito Santo, caem no chão como mortos e começam a falar em línguas; no dia 12 de abril, é a vez do próprio William Seymour. No dia seguinte, Seymour e sua nova congregação alugam da First African Methodist Episcopal Church um prédio vacante na Azusa Street por US\$ 8,00 por mês. Dois dias depois, no domingo da páscoa, a Azusa Street Mission abre, pela primeira vez, suas portas ao público; na quarta-feira seguinte, o diário Los Angeles Daily Times publica um artigo sobre a nova missão, desqualificando-a como “Weird Babel of Tongues” (“fátidica Babilônia de línguas”). A coincidência com o terremoto em São Francisco, que põe a cidade em chamas e cujos tremores se fazem sentir até em Los Angeles, ajuda a criar um clima apocalíptico. Nos primeiros meses, a nova missão chama o interesse das igrejas locais; um terço dos visitantes são pastores e evangelistas. O espaço que as reações do pastor Joseph Smale e da Federação das Igrejas de Los Angeles frente à Azusa Street Mission ganham na imprensa é uma prova do seu impacto sobre a cidade e suas igrejas.

Milhares de pessoas atenderam aos encontros de Azusa Street, mas a maioria somente por um curto período de tempo. Para eles, Azusa Street foi apenas um evento. Antes de tudo, porém, Azusa foi uma congregação afro-americana com um pastor afro-americano que, ao contrário de outras congregações negras, teve a visão de uma congregação multiétnica que se tornou um dos grupos de maior inclusão étnica e diversidade cultural da cidade. Internamente estruturada, com base doutrinal publicada e editando, a partir de setembro de 1906, seu jornal *The Apostolic Faith*, que chegou a uma tiragem de 50 mil exemplares, a Apostolic Faith Mission ofereceu serviços de oração, estudos bíblicos diários, encontros semanais de líderes e *camp meetings* de vários meses de duração. No capítulo 3, o autor dá uma detalhada descrição das lideranças – tanto homens quanto mulheres – de Azusa Street, começando por seu pastor, William Seymour. Desde o início era o líder reconhecido pela congregação, descrito por contemporâneos, como humilde, quieto, de fala meiga, gentil, um líder espiritual e homem de oração, um visionário que liderava pelo exemplo, pelo treinamento, pelo planejamento, por sua equipe, pela maneira de expor as Escrituras e pela pregação, mas também pela capacidade de estabelecer limites doutrinários e pela disciplina eclesial.

Os cultos na missão de Azusa Street (cap. 4) aconteceram em ambiente improvisado, no verão insuportavelmente quente, sem ventilação e ar fresco, sob nuvens de moscas. Eles eram únicos no sentido de acontecer nos sete dias da semana em três horários, às vezes, sem pausa. Houve orações pú-

blicas, cantos, testemunhos, pregação e estudo da Bíblia, momentos em torno do altar e oportunidades para a oração pessoal (no segundo andar), alternando momentos estabelecidos com outros espontâneos. Eram únicos também culturalmente no sentido de não excluir ninguém por causa da sua etnia, gênero ou idade, e pela liberdade que concederam às expressões emocionais de oração. Charles Parham criticou essa mistura de etnias e também as técnicas mecânicas dos servidores do altar para forjar a glossolalia, provocando frenesi e delírio e não Pentecostes. O próprio jornal de Azusa Street, *The Apostolic Faith*, ressaltou como as manifestações extraordinárias (“o poder da fé”) aumentaram com a privação de alimentos, quando Seymour convidou para três dias de jejum e oração. Outro elemento importante eram os cantos, acompanhados apenas do bater palmas ou bater com o pé, mas sem instrumentos. O “cantar no Espírito”, ou “cantar em línguas”, recebeu admiração unânime dos fiéis. Os testemunhos pessoais antes da oração podiam durar horas. Vizinhos da Apostolic Faith Mission queixavam-se de indecência, desordem e barulho noturno, e não raras vezes chamou-se a polícia. Pessoas procuravam sua libertação e conversão, receberam a santificação e foram encorajados de receber o Espírito Santo e falar em línguas.

Em pouco tempo, o reavivamento de Azusa Street espalhou-se sobre o continente, formando novas congregações e atingindo várias igrejas étnicas e clássicas (cap. 5). A Eighth and Maple Mission de Frank Bartleman, freqüentador assíduo de Azusa Street, foi a primeira congregação pentecostal a surgir após o reavivamento de Azusa Street. Ainda em 1906, dentro de Los Angeles, o reavivamento espalhou-se ao longo das linhas do bonde, e nas cidades vizinhas seguindo a linha do trem da Pacific Electric Railroad. No seu primeiro aniversário, em abril de 1907, congregações Apostolic Faith estiveram presentes também no Canadá e no norte do México. Um terreno especificamente difícil foi o sul dos Estados Unidos, no qual, na primeira década do século 20, 65 negros foram linchados a cada ano. No dia exato em que a Azusa Street Mission começou seus serviços, no dia 14 de abril de 1906, três afro-americanos foram arrastados por uma multidão de 7.000 pessoas em Springfield, Missouri, e linchados. Não se sabe de nenhuma manifestação pública da Apostolic Faith Mission a respeito: ela nunca protestou publicamente, mas ofereceu uma alternativa por seu núcleo afro-americano e seu estilo de inclusão étnica. Dois homens negros, Charles Price e Charles Harrison Mason, espalharam o movimento decididamente.

O programa missionário de evangelizar o mundo (cap. 6) era inerente ao movimento Azusa Street. Já Charles Parham propusera um elo entre a restauração do dom de línguas e a segunda vinda de Cristo: os que falavam em línguas, seriam especificamente equipados por elas para exercer o man-

dato divino missionário global do fim dos tempos. As línguas indicariam sua terra de missão, na qual evangelizariam até Jesus Cristo voltar. Uma vez que Parham não tinha como validar *qual* língua era falada, ele manteve-se cauteloso e enviou pouquíssimos missionários (se alguém!) naquele tempo. O contrário era o caso em Azusa Street, e, por isso, Robeck a considera o lugar do nascimento do pentecostalismo global. Aí, quando alguém falava em línguas, a missão seguia quatro passos simples: identificar a língua, verificar se a pessoa recebeu um chamado missionário, discernir se o chamado era genuíno e se a pessoa tinha habilidade e vontade de ir; disponibilizar os meios financeiros para a viagem. Dentro de dias, senão horas, o(a) missionário(a) começava sua viagem. Parham acusava Seymour de enviar missionários mal equipados e mal treinados. E, de fato, Seymour fazia exatamente isso. Muitos missionários de Azusa Street saíram sem nenhum treinamento teológico ou missionário, desconhecendo a cultura e os costumes do país aonde iam: viajavam apenas com a Bíblia e sua experiência de vida. Houve quatro tipos de missionários: evangelistas missionários itinerantes, missionários veteranos que já eram evangelistas em outras denominações, missionários ao longo prazo sem experiência anterior e missionários ao curto prazo (seis a oito meses), formando talvez a maioria. Muitos simplesmente morreram nas primeiras semanas em consequência de doenças como malária. Em 1906, missionários de Azusa Street já se encontravam na Índia e, em 1907 na China. Mas a maioria saiu em direção à África (Líbia, Angola, África do Sul).

No último capítulo, o autor descreve como o fogo começou a esfriar. No início de 1908, o reavivamento já não era mais novidade, mas um fenômeno global, e os jornais perderam o interesse no assunto. O jornal do próprio movimento, *The Apostolic Faith*, começou a ser editado em um ritmo mais lento e mudou seu local – de Los Angeles para Portland, Oregon. Sob a alegação que William Seymour não mais ensinava a teologia wesleyana da santificação, Florence Crawford rompeu com Seymour. Enquanto muitos, capazes de exercer liderança no reavivamento crescente, procuravam fazer isso e criaram novas congregações sem romper com Azusa Street; Crawford foi a única dos primeiros colaboradores de Seymour que efetivamente rompeu com ele. Parece que ela liderou uma espécie de golpe de estado com a intenção de destronar Seymour, recolocar o centro do reavivamento em Portland e, daqui, conduzir o reavivamento para o futuro. A transferência do jornal *The Apostolic Faith* de Los Angeles para Portland, que Clara Lum operou no verão de 1908, deve ser visto nesta luta de Florence Crawford de controlar o movimento Apostolic Faith. Juridicamente, há dúvidas quem era dono do jornal. Com certeza, tanto William Seymour quanto os leitores do jornal o consideravam propriedade da missão e de nenhum indivíduo.

Clara Lum, responsável por ele, o considerou propriedade sua. A motivação mais provável de sua saída brusca de Los Angeles é o fato que William Seymour se casara com uma mulher afro-americana, Jennie Evans [Moore] Seymour, em 13 de maio de 1908. O bispo Ithiel Clemmons escreve no seu livro *C. H. Mason and the roots of the Church of God* que Mason comentou com ele que Clara Lum se apaixonou pelo pastor Seymour, querendo casar-se com ele. Seymour procurou seu conselho, e Mason desaconselhou um casamento com uma mulher branca, em vista das relações étnicas nos EUA na era Jim Crow. Como resultado, Seymour, com vontade de casar, escolheu Jennie Evans Moore. Clara Lum teria deixado Los Angeles por decepção pessoal com Seymour e, por esse motivo, procurado seu maior competidor, Florence Crawford.

Não há dúvida que, no início de 1909, a Azusa Street Mission caiu em contínua decadência. Observadores internos responsabilizam brigas entre as missões ou atitudes ditatoriais e círculos de poder internos da Azusa Street Mission. Para eles, a espontaneidade cedeu à programação, sem deixar espaço para a ação do Espírito Santo.

No posfácio, Robeck lembra que a história de Azusa Street não terminou com o reavivamento de três anos, mas que o pastor Seymour continuou os serviços até o dia de sua morte por ataque cardíaco (28/9/1922), seguido por sua mulher até a data de sua morte em 1936, apesar do prédio original ter sido demolido na primeira semana de julho de 1931. Já em 1911, porém, a Azusa Street Mission era apenas uma pequena congregação afro-americana com poucos caucasianos. William Durham, pastor em Chicago, tentou reerguer Azusa Street em 1912, quando Seymour estava viajando em missão, levando-a à antiga fama. Houve um confronto aberto entre Durham e Seymour diante da assembléia que votou com maioria esmagadora em Durham. Quando Durham voltou para os serviços, ele encontrou, porém, a porta trancada. No ano seguinte, ele morreu de tuberculose em Los Angeles, deixando como legado um movimento dividido sobre a questão da santificação. Dois anos depois, acontece o Apostolic Faith World Wide Camp Meeting, ao qual Seymour nem é convidado. O movimento divide-se em aqueles que batizam em nome da Trindade e aqueles que batizam “somente em nome de Jesus”. Todos que amargaram a vida de Seymour (Parham, Crawford, Lum, Durham e aqueles que promoveram o batismo somente em nome de Jesus) eram brancos. Em *The doctrines and discipline of the Azusa Street Apostolic Faith Mission*, Seymour responsabiliza “os irmãos brancos” pelas divisões ocorridas. Sua morte em 1922 passa despercebida. Apesar do fim sórdido dessa história brilhante, a Azusa Street Mission continua viva nos movimentos que gerou no mundo inteiro.

O livro *The Azusa Street Mission and Revival*, de Cecil M. Robeck se entende apenas, como vimos no início, como um aperitivo. O aperitivo abre o apetite para a refeição principal. O livro cumpre, com certeza, essa função: abrir o apetite para a leitura da longa e detalhada história, nas 1.600 páginas em três volumes prometidos para o ano que vem, de Azusa Street, lugar do nascimento do movimento pentecostal global – movimento cristão que mais cresce no mundo atualmente.